

**IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS:
palavras e coisas**

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacentro (RDC), PUC-Rio

Linguagem, corpo e design – uma reflexão

Michael Medeiros de Moraes

mikemorais2003@yahoo.com.br

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

Linguagem, Corpo e Design – Uma reflexão

Autor: Michael Medeiros de Moraes - Mestre em Design pela PUC-Rio

Palavras-chaves: Linguagem, Corpo, Design.

Key-Words: Language, Body, Design.

O conceito de *performance* oriundo das artes plásticas, serve para designar manifestações artísticas que convergem diversas linguagens.

Em *Corpos Queer* ou *Corpos Polimorfos*, o conceito de *performance* serve de instrumental para a observação das manifestações aqui contempladas, que não necessariamente estão alçadas à categoria de manifestações artísticas, mas que requerem um olhar sensível diante dos significados por ela emanados.

Como conceituado por seus teóricos, a *performance* é uma modalidade artística que faz uso das mais diversas expressões. E dentre essas linguagens, o Design também figura com toda a sua plasticidade de sentidos e suportes, assim como o corpo e as mais diversas superfícies de nosso entorno.

Sendo privilegiado na construção deste trabalho, o corpo é suporte de criação das performances, articulando o design como linguagem dessa expressão.

A relação entre o corpo e o design se estabelece como uma dialética. O design, como atividade voltada para a configuração do entorno material do indivíduo, toma o corpo como partido projetual e matriz de produção de sentidos.

Este texto pretende demonstrar como observações sobre o corpo no âmbito da linguagem se mostram importantes para o design. Entendemos que o campo do design apresenta eminente interface com o corpo, um corpo que pode ser entendido como suporte discursivo. Realizamos essa reflexão com base no aspecto de que as expressões corporais oferecem um campo rico de referências estéticas para a criação, em relação à qual se manifesta como suporte e como matriz produtora de sentidos.

O corpo constitui um artefato privilegiado da cultura, reflexo dos valores culturais representa, no campo do design, elemento central para a criação. O corpo, na qualidade de artefato, revela-se um suporte criativo que dá abertura a inúmeras possibilidades formais e discursivas.

Antes de pensarmos o corpo e sua interface com o design, devemos pensar o corpo e sua relação com a cultura. Devemos considerar sua capacidade de refletir valores culturais relativos ao contexto em que está inserido.

O corpo é depositário de inúmeros valores. Constitui um dos artefatos culturais mais ricos em significados. Compreender a forma como as práticas corporais se estruturam como linguagem possibilita-nos maior conhecimento sobre o indivíduo e suas particularidades culturais.

Em articulação com o design, o corpo precisa ser compreendido, em sua elaboração, como um discurso. Se do ponto de vista cultural ele é depositário de valores, no âmbito do design sofre intervenções, é criado, transformado, transgredido.

Na segunda metade do século XX, as ciências da comunicação descobriram o corpo, em sua potencialidade comunicativa, na condição de mídia primária. O corpo revela-se uma mídia eminentemente rica e complexa (BAITELLO, 2005).

Mas por que o corpo vem à tona na cultura contemporânea? O corpo ganha visibilidade em função de suas constantes metamorfoses e simbioses com as tecnologias, suas inúmeras extensões científico-tecnológicas. “Essas mutações referentes ao corpo vêm despertando inquietações incorporadas ao imaginário cultural, cujos efeitos ainda não temos parâmetros. Um dos mais visíveis reflexos dessa questão reside na inclusão do corpo no campo das artes plásticas” (SANTAELLA, 2004, p. 133)

Estamos acostumados a perceber, conviver e apreender o corpo de forma óbvia, uniforme, deixando de observar as suas possibilidades de relação e significação. O corpo é um artefato que permite a comunicação entre os indivíduos, um artefato rico em possibilidades semânticas.

Trata-se de elemento chave no processo de comunicação, pois todo este último começa e termina no corpo. O corpo é elevado ao estatuto de mídia, assim como as mídias digitais, em função do seu papel exercido no processo comunicacional.

Apresentamos aqui um diálogo do campo do Design com uma modalidade artística bem recente do universo das artes plásticas, que se trata da *performance*, exposta aqui com a denominação de performatividade. Tal etimologia é evocada em função desta se tratar de uma apropriação do campo das artes plásticas para denominar formas de expressão corporal, que não necessariamente se configurem como uma manifestação artística.

A *performance*, especificidade artística surgida na segunda metade do século XX, traz uma nova complexidade para o campo das artes plásticas. A *performance* é uma forma de manifestação artística que faz uso de suportes artísticos até então não legítimos e que se caracterizam por uma multiplicidade de sentidos, e um dos seus suportes discursivos mais inéditos e inovadores, como insistentemente defendido, é o corpo.

A inteligibilidade de uma manifestação de *performance* requer o uso de um novo modo de contemplá-la. Tal apreciação evoca um aporte multidisciplinar e uma semiologia da ação e do movimento corporal. Este modo de abordagem contribui para uma melhor compreensão analítica desses novos fenômenos da arte e do corpo.

O design, nesse contexto, aparece como uma instância produtora de novos sentidos, que assimila novos suportes e expressões para produzir novos discursos. A *performance*, modalidade artística aqui exposta, é uma forma de expressão que produz sentidos nos mais diversos suportes onde o design produz interlocuções. A *performance*, tratando-se de uma convergência de diversas linguagens artísticas, também faz uso dos recursos expressivos da linguagem do design.

Sendo o design uma atividade discursiva, intimamente ligada ao trato com a forma, o design, nesse contexto, pode ser compreendido como uma instancia da linguagem que possibilita a inteligibilidade dos textos não verbais produzidos por esses artefatos.

Segundo Baitello (2006):

[...] Toda comunicação ou todo processo comunicativo – não importa quantos aparelhos esteja usando – começa no corpo e termina no corpo. [...] Por isso o cientista político Harry Pross chama o corpo de “mídia primária”. Segundo a reflexão de Harry

Pross, a mídia é muito mais ampla do que o jornal, o rádio, a televisão e a internet. É muito anterior a eles. [...] O corpo é o começo e o final de toda a comunicação [...] O corpo é a primeira mídia, vale dizer, o primeiro meio de comunicação do homem. Isto quer dizer também, é o seu primeiro instrumento de vinculação com outros seres humanos. Isto é o que significa “mídia primária”. O corpo é a linguagem e, ao mesmo tempo, produtor de inúmeras linguagens com as quais o ser humano se aproxima de outros seres humanos [...] As linguagens dos sinais e dos indícios se mostram em complexas linguagens de gestos, micro e macrogestos, elaboração e encadeamento de sons, em linguagem verbal, em complexos dialetos posturais e comportamentais, em símbolos e complexos simbólicos que, por sua vez, se ordenam em grandes complexos culturais (BAITELLO, 2005, p.62).

A estrutura física do corpo possibilita a integração do indivíduo com o mundo, estabelece significações com o outro. O corpo representa um veículo de significação primeiro, aquele que possibilita a interação do indivíduo com o meio social, pois permite a materialização do pensamento, aquele que une o indivíduo ao seu entorno.

O corpo no contemporâneo é sobremaneira um ente eminentemente plástico, produzido tanto pela cultura quanto pelo indivíduo, expressando suas dimensões subjetivas, sociais e políticas.

Pensar as modificações corporais neste contexto suscita várias reflexões. No âmbito da sexualidade, uma vasta literatura já se debruçou sobre essas questões. Refletir sobre o corpo requer uma observação profunda quanto à cultura que o engendra. Existe uma dialética instaurada pelo corpo entre as normas culturais e a subjetividade do indivíduo.

A identidade cultural está inscrita no corpo, e esta identidade é visível através das informações que dele emanam. A decoração do corpo implica a construção de narrativas que produzem novas significações, detentoras de sentido em determinada coletividade. Esse corpo é tomado como espaço signifiante pelo indivíduo, como artefato aberto a construções discursivas, nas quais afirma sua individualidade.

A dimensão expressiva do corpo faz dele um contemporâneo uma verdadeira máquina discursiva. Multiplicam-se registros dele nos mais diversos suportes, está presente nos mais diversos registros, como no cinema, nas artes plásticas, na moda, todas essas linguagens reconhecem o poder discursivo da maravilhosa máquina humana.

Como sugere Castilho (2005):

O sujeito por intermédio do corpo como suporte e meio de expressão, revela uma necessidade latente em querer significar, de reconstituir-se por meio de artifícios inéditos, geradores de significações novas e desencadeadoras de estados de conjunção ou de disjunção com os valores pertencentes à sua cultura. (CASTILHO, 2005, p. 93)

Num cenário caracterizado pelo anonimato das aglomerações urbano-industriais, o corpo se estrutura como um vetor de identificação entre os indivíduos, como um signo no qual as idiosincrasias individuais são lidas através da pele, das manifestações corporais. O corpo reflete o imediatismo e a superficialidade das relações sociais contemporâneas. A linguagem

corporal engendra determinadas especificidades para se fazer entendida. Essa linguagem falada pelo corpo visa eminentemente o olhar do “outro”. A “presença do outro” como corpo visível e sensível, com o qual podemos nos identificar, representa a cristalização do sentido permanentemente aberto a ressignificações.

Observar o corpo do ponto de vista lingüístico, sempre nos evoca a questão de sua polissemia. Do ponto de vista cultural e antropológico ele é alçado à condição de artefato. É artefato por estar situado no universo da cultura material e ser depositário dos valores de uma cultura, nesse sentido o corpo cristaliza e expressa padrões culturais e subjetivos.

Assim, como todo artefato que compõe o nosso entorno material é depositário de valores culturais de uma sociedade, o corpo também é, por conseguinte. Seu poder de cristalizar tais padrões culturais o fez alçar à condição de artefato culturalmente construído. Uma vez sendo o desenvolvimento desses artefatos também um domínio do design na modernidade, o corpo também acaba figurando como elemento constituinte desse universo. Vale ressaltar que no design, as configurações de artefatos culturais se constituem sobremaneira como um território lingüístico, onde se constroem discursos.

A construção simbólica do corpo só encontra sentido no regime de visibilidade que estabelece com os sujeitos alguma forma de fazer sentido. As formas de construção corporal estão sempre fundadas em complexo regime de visibilidade; dessa forma, estas construções visam sobremaneira ao olhar da alteridade. A linguagem falada pelo corpo é eminentemente visual, apesar de fazer uso de vários sentidos para construir discursos.

O design está sempre dialogando com o corpo. Nesse contexto, o design produz “objetos-extensores” dos indivíduos, os quais acabam por representar quem o carrega, além de produzirem associações e analogias e metaforizarem identidades, deflagrando a superficialidade das relações humanas. Além de representar o indivíduo, o design concretiza seus desejos e suas insuficiências.

Segundo Portinari (2002):

Todas as invenções humanas, desde o primeiro porrete até a espaçonave, funcionam como extensões, modificações, reparações feitas à precariedade da nossa corporalidade constitutiva, corporalidade que é também, não esqueçamos, a da fantasia. O que é o avião, pergunta Freud, senão a realização de nossa fantasia de voar? Realização, aponta ele, que se dá como todas as realizações de nossos desejos sobre a terra, mais ou menos, condicionalmente, parcialmente, e sempre implicando um preço a pagar. Pois não há tecnologia que não traga consigo, além da realização de um desejo que estende nossos limites, um potencial de ameaça e um acréscimo de sofrimento. Uma realização, poderíamos acrescentar, como todas as realizações do desejo – protética. Assim o homem torna-se o semelhante dos deuses concebidos pela sua fantasia, os substitui, torna-se ele próprio um “Deus de prótese”. Munido de todas as suas extensões, diz Freud, ele é verdadeiramente magnífico – ainda que nem por isso seja mais feliz (PORTINARI, 2002, p.142).

Esse corpo de que se fala nunca é um corpo reduzido à sua materialidade física, mas um corpo espiritual, simbólico, vivido. Um corpo que representa o indivíduo em todos os sentidos, que expressa estados de espírito, vivências, ideologias. Um corpo que no contemporâneo é

munido de um arsenal de extensores, que têm por finalidade apenas a satisfação de suas limitações.

O corpo ainda pode proporcionar metamorfoses identitárias, por ser um signo que, na representação de uma individualidade, possibilita troca de identidades, fazendo da vivência cotidiana um grande teatro, no qual somos atores, como nos sugere Castilho (2004):

O corpo torna-se o suporte ideal de discursos que revestem significativamente o ser humano, capacitando-o como sujeito do fazer, dotado de competências performáticas para assumir diferentes papéis sociais que são desempenhados e definitivamente caracterizados pela decoração corpórea (CASTILHO, 2004, p.42).

As reflexões aqui elaboradas sobre o corpo em sua matriz simbólica e cultural, conduzem-nos a uma observação contemplativa e atenta sobre o *performer* em sua atividade de reelaboração do próprio corpo enquanto ente simbólico e discursivo.

Os sentidos atribuídos ao corpo são arbitrários, variam de acordo com o período histórico e com os valores das mais diversas culturas. Observando por um viés histórico, percebemos que construções corporais que denotam elegância, sedução e atração sexual foram as mais diversas no decorrer dos séculos na cultura ocidental. O corpo feminino sofreu mudanças bruscas de significado ao longo dos séculos. No renascimento a mulher faustosa, cheia de curvas representava o ideal de beleza dominante. Hoje, esse modelo é representado por um ideal mais longilíneo de construção corporal. Já o modelo de corpo masculino, só na segunda metade do século XX passou a ser um corpo esguio, representado pelos jogadores de futebol da década de 70. Aquele ideal deu hoje lugar a um corpo anabolizado, carregado de músculos, predominante desde os anos 80.

Numa reflexão sobre os condicionantes culturais do corpo, observamos o caráter sagrado dessas inscrições nas sociedades primitivas:

[...] A humanidade busca diferentes receitas para cozinhar sua angústia. No passado, essas receitas sempre se integraram aos ideais de cada época. A marcação dos corpos assim como a prática das máscaras nas sociedades arcaicas tinha por função a atualização imediata da troca simbólica, da troca/dádiva com os deuses ou no grupo, troca na qual o sujeito consumia sua identidade, pondo-se em jogo como sujeito na posse/desposseção e onde o corpo inteiro se tornava, ao mesmo tempo que os bens e as mulheres, material de troca simbólica. (BAUDRILLARD, 1996, p. 41 *apud* SANTAELLA, 2004).

Assim, no real do corpo, as marcas, tatuagens e circuncisões, significavam a aliança com os espíritos ou com o divino, e “a transição para a vida adulta era assinalada por um ritual, normalmente doloroso e bastante cruel, que tinha como objetivo moldar as pessoas como pertencentes a uma tribo, grupo ou linhagem” (VILLAÇA e GÓES, 1998, p. 144).

Em uma história carregada de rituais de sujeição que visavam à purificação do corpo e à elevação do espírito, o contemporâneo surge com práticas estéticas de esforço e superação, através de esportes coletivos ou individuais, ora buscando a adequação a um ideal imagético, que obedece a uma performance estabelecida pelo grupo, obedecendo a uma elaboração simbólica, reproduzindo o velho esquema da sujeição, ora dando vazão a um processo de subjetivação, afirmando uma individualidade.

Tal paradoxo sujeição x subjetivação também se expressa na superação das dicotomias de gênero. As práticas estéticas que visam à modificação da morfologia sexual são cada vez mais modernas, bem como mais agressivas, modificando, ora temporalmente, ora em definitivo, aquilo que é dado como natural.

Se antigamente o corpo fora tributário de valores sagrados, hoje a sua significação revela outra complexidade. Recentes transformações tecnológicas e culturais registraram mudanças significativas no estatuto do corpo dentro do imaginário contemporâneo. O ponto de partida de tais mudanças foram as inovações da engenharia genética, da imunologia, da cirurgia plástica, e das próteses. A partir de então, o corpo perpassa as transformações e inovações da tecnologia. Com tantas inovações, o corpo passa a figurar como um domínio da tecnologia. O estatuto da beleza, até então um dado imaterial, passa a ser algo planejado, materializado e consumido, território de especialistas (SANTAELLA, 2004).

O corpo, além de instrumento para si, constitui um signo para os outros, reflete formas de sentir o mundo. É reflexo de uma cultura narcísica, centrada no *self*, consequência de uma vivência marcada pela visualidade. Não apresenta seus limites bem definidos, por ser uma ponte entre o indivíduo e a sociedade.

As variações nos mais diversos sentidos conferidos ao corpo revelam que este pode ser entendido como uma espécie de suporte, no qual se articulam sentidos, se processam significantes, e se constroem enunciados. Por meio do corpo, o sujeito elabora discursos que significam a partir dos efeitos de sentido que produzem, cria processos de identificação e personificação, e cristaliza idéias, nunca fechadas a novas significações.

As mais diversas formas de construção corporal dão origem a manifestações de complexa análise. Tais manifestações são expressões de natureza fortemente subjetiva; podem ser um campo onde se deflagra uma forte dominação biopolítica dos corpos ou podem representar um território de afirmação da individualidade e da diferença.

O corpo moderno é um corpo completamente normatizado, esquadrinhado, civilizado, regulamentado. Racionalizar as condutas corporais é uma forma de tornar a linguagem corporal inteligível à sociedade, a fim de assegurar a norma dominante, de favorecer o controle.

É oportuno lembrar que no próprio conceito de cultura está implícita a existência do modo de transmissão e de desenvolvimento do que vem a ser denominado *linguagem*, enquanto instância estruturante das práticas corporais. O sujeito, portanto, precisa aprendê-la, adquirir seu processo e interiorizar sua dinâmica para então se tornar capaz de produzir os próprios enunciados como sujeito discursivo. Entendemos que no âmbito das expressões corporais, estas se estruturam como linguagens construídas culturalmente, assimiladas e verbalizadas.

Ao pensar o corpo, devemos pensar também nos paradoxos que este engendra. Seria o corpo um artefato permeado por práticas normatizadoras, ou também possibilitaria discursos subjetivantes? Seria o corpo somente subalterno aos valores culturais ou também se legitimou como um território de afirmação de individualidades e diferenças?

Neste ponto entram as estéticas desviantes, como a *Queer*, manifestações que asseguram a legitimidade do corpo como ente físico e simbólico de subjetivação e afirmação da individualidade. As “performatividades” de gênero vão além das questões de representação identitárias (masculino x feminino) – constituem políticas afirmativas do desviante.

O corpo pode ser entendido como um território discursivo que possibilita a afirmação de formas não-hegemônicas de viver no mundo. Assim, revela-se um suporte dotado de grande potencial subversivo. Tal suporte se mostra mais subversivo quando a identidade por ele afirmada desafia a norma dominante.

Expressões do corpo também são reflexos de relações de poder, de normas que permeiam questões de gênero, de classe social, de vínculos. Todas essas questões se expressam nas formas como os indivíduos fazem uso dos seus corpos, e se expressam em suas interações cotidianas com a coletividade.

Como mencionado anteriormente, o corpo é um artefato permeado por normatividades sociais, e este aspecto o transforma em território privilegiado quanto à subversão. Essa atribuição se reflete nas formas como determinados grupos sociais fazem uso do corpo, transgredindo sua natureza biológica, customizando-o, subvertendo normas dominantes. Essas expressões são características urbanas, que negociam com a cultura dominante a própria visibilidade, através de sua aparência.

No tocante ao gênero, muitos teóricos, como Judith Butler (2003) defendem que a distinção masculino x feminino é muito mais reflexo de relações de poder, do que reflexo de uma natureza biológica. Para ela a sexualidade é uma organização historicamente específica do poder, do discurso, dos corpos e da afetividade. O “sexo” pode ser entendido como um conceito artificial, que amplia e mascara as relações que a produziram.

Conclusão

A construção deste trabalho visou deslocar o corpo do lugar comum, observando suas mais diversas relações, assim como a sua dialética com o campo do design, e entendendo-o tanto como reflexo de uma cultura, quanto como suporte de criações e referências para construções estéticas. O corpo, como reflexo de valores culturais apresenta diversas possibilidades formais e discursivas. Na condição de suporte de uma linguagem, reflete inúmeras particularidades culturais onde o design produz diversas interlocuções, inclusive no âmbito da performance.

Reafirmamos que o corpo é o início e o fim de todo processo comunicacional, sendo dessa forma considerado uma mídia primária. Manifesta-se como assunto central na contemporaneidade, em razão de sua plasticidade e por estar em simbiose com novas tecnologias.

Vetor de sociabilidade, expressão de uma identidade, de interação com o mundo, o corpo é também tributário das normas culturais. Gera significados diante do mundo. Expressa individualidades e visa, sobretudo, o olhar do outro.

Apresenta caráter normativo e também subjetivante, expressando pertencimento e individualidades. Entendido também como ponte do indivíduo com o mundo, o corpo é reflexo maior do narcisismo contemporâneo. A modernidade observou antes de tudo a mudança do estatuto do corpo nos valores culturais. Em constante simbiose com a tecnologia, o corpo se legitimou como campo discursivo contemporâneo, sendo um ente de grande importância no campo das artes e da cultura contemporâneas.

Bibliografia

BAITELLO, N. **A era da Iconofagia**: Ensaios de Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: Hacker, 2005.

BAUDRILLARD, J. **A troca Simbólica e a Morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

CASTILHO, K; GALVÃO, D. **A moda do corpo e o corpo da moda**. São Paulo: Esfera, 2002.

_____. **A moda e linguagem**: Coleção Moda & Comunicação. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

PORTINARI, D. A Noção de imaginário e o campo do design. P.77-103. In: **Formas do Design**: por uma metodologia interdisciplinar. 2AB, 1999.

_____. ; LOPES, C. A última fronteira: repensando o corpo na contemporaneidade. In: Castilho, K.; Galvão,D.. (Org.). **A Moda do Corpo, O Corpo da Moda**. 1 ED. São Paulo: Esfera, 2002.

SANTAELLA, L. **Corpo e Comunicação**: Sintomas da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

VILLAÇA, N. e GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.